



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8181 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 06 - Educação Popular

O JORNAL COMO POSSIBILIDADE DE ENUNCIACÕES COLETIVAS: REFLEXÃO, AÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA DAS FAMÍLIAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DO/NO CAMPO

Elder dos Santos Azevedo - UFF - Universidade Federal Fluminense

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O JORNAL COMO POSSIBILIDADE DE ENUNCIACÕES COLETIVAS: REFLEXÃO, AÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA DAS FAMÍLIAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DO/NO CAMPO

O presente trabalho tem como propósito discutir a produção de um jornal realizada em uma pesquisa de doutoramento, na qual as famílias – representadas pelas mulheres da comunidade – buscaram um diálogo fecundo com a escola pública local, bem como com as representantes do poder público municipal, a saber Secretária de Educação e Presidenta do Conselho Municipal de Educação. A referida pesquisa ação participante (FALS BORDA, 1981) se desenvolveu em uma escola pública municipal localizada em uma comunidade rural, entre os anos de 2017 a 2019, e contou com a participação de cerca de 15 mulheres da comunidade – mães, avós, tias, irmãs mais velhas das crianças que frequentavam/frequeravam a escola pública local.

Historicamente, as comunidades rurais com ausência ou processos educativos que pouco tinham a ver com sua realidade. Na pedagogia ruralista, que apresentava um forte caráter instrumental/utilitarista, o objetivo era manter o camponês nas zonas rurais do país, sem se preocupar com sua realidade concreta e condições de vida. Com o advento da Educação Popular, na década de 1950 do século passado, diversas campanhas e projetos de escolarização foram desenvolvidos com os camponeses a fim de atender aos anseios dessa população com relação à educação.

Mais tarde, com o Paradigma da Educação do Campo (FERNANDES; MOLINA, 2004), ocorre o reconhecimento das lutas dos diferentes sujeitos do campo, bem com a elaboração de uma proposta de educação para e com esses sujeitos. É nesse contexto de luta e reivindicação popular por escola e, conseqüentemente, educação de suas crianças que se “projeta o campo como espaço de democratização da sociedade brasileira e de inclusão social, e que projeta seus sujeitos com sujeitos de história e de direitos; sujeitos coletivos de sua formação enquanto sujeitos sociais, culturais, éticos e políticos [...]” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p. 12).

Nesse sentido, olhar os sujeitos do campo como sujeitos de direitos e que estão implicados na luta política desde o seu lugar no mundo faz toda a diferença no modo que os

compreendemos. Partindo dessa perspectiva, esta pesquisa foi realizada e tomou como recurso metodológico as rodas de conversas inspiradas nos “círculos de cultura” (FREIRE, 2011) e nas “rodas e redes” (WARSCHAUER, 2002), com o intuito de levantar as questões/temas geradores para aquele grupo de mulheres.

Nessas conversas, discutíamos as estratégias de reivindicação e mobilização pela permanência da escola na comunidade e como mobilizar o poder público municipal para o diálogo. Foi num desses encontros que uma das participantes sugeriu a confecção de um jornal para que, ao mesmo tempo que sistematizasse parte de nossas conversas, pudesse circular dentro dessa “economia escriturística” (CERTEAU, 2009) que fazemos parte.

Assim, o jornal seria o canal de aproximação entre a comunidade e o poder público municipal. Apostava que, através dele, teríamos a atenção da Secretaria Municipal de Educação e das outras escolas. O objetivo era que ele abrisse caminho para o diálogo, a fim de que a história de luta das crianças, mulheres e suas famílias pudesse circular para além dos limites da comunidade rural. Esse movimento estratégico-tático surgiu como possibilidade de enunciação coletiva das memórias e histórias com e na escola.

Que enunciações são possíveis e necessárias na luta política das classes populares em defesa de uma escola pública do/no campo?

No enfrentamento às desigualdades sociais e educacionais, falar de si, preservar a memória de uma comunidade com a escola é um instrumento de luta política para manter viva a esperança e a ideia de que um mundo justo é possível. No jornal, em suas duas edições, foram narradas diversas experiências dos diferentes encontros que os sujeitos da pesquisa tiveram e ainda têm com escola.

Nesse contexto, foi ficando evidente que a escola é um “lugar praticado” (CERTEAU, 2009) da comunidade e, se constitui como espaço-tempo de encontros, afetos, criação, recriação, produção coletiva de conhecimentos. É dentro da escola que os diálogos-conversas constituintes desta pesquisa aconteceram e revelaram o quanto as classes populares seguem em sua luta histórica por direito à educação pública, gratuita e de qualidade.

O processo de produção dos jornais se constituiu em espaço dialógico de aprendizagens coletivas, em que as participantes com-partilhavam suas memórias-experiências com/na escola e anunciavam seus desejos com relação aos rumos da educação escolar oferecida na comunidade. As enunciações, materializadas nas duas edições do jornal, se configuraram como memória individual e coletiva daquelas que foram estudantes e agora são mães/avós de estudantes, sendo, também, denúncias/anúncios (FREIRE, 2005) da realidade concreta das famílias da comunidade que reivindicam a permanência da escola, bem como possibilidades outras com relação à ampliação dos processos educativos e participativos na/da escola.

Desse modo, constituímos com os jornais um espaço-tempo de luta para além dos limites territoriais da comunidade. Além disso, o jornal foi, um dos elementos que ajudou a desenhar a elaboração de uma participação político-pedagógica das famílias no cotidiano escolar.

A experiência de viver a pesquisa engendrou (trans)formações significativas na comunidade, pois o entendimento de que o fato de vivermos em uma sociedade que apresenta uma centralidade na leitura e na escrita, nos mostra como o jornal é um elemento importante nos jogos sociais em que estamos inseridos. Além disso, aprendemos que os “lugares da participação” (STECK; ADAMS, 2006) precisam ser tomados e reconfigurados pelos sujeitos das classes populares, vez que, para nós, participar é um processo complexo que abarca o

estar presente e se sentir pertencente na luta e busca por uma vida melhor.

Assim, compreendo que, na pesquisa ação participante, a produção de instrumentos para compreensão da realidade por parte das participantes é imprescindível, visto que permite que elas elaborem seus saberes das “experiências-feitos” (FREIRE, 2005) em comunhão com os sujeitos da pesquisa, a fim de reivindicar e disputar outro projeto de escola, nesse caso, um projeto com participação popular inspirado e vinculado ao Paradigma da Educação do Campo.

Palavras-chave: Jornal. Famílias. Educação Popular. Educação do/no campo. Participação político-pedagógica.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. v.1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

FALS BORDA, O. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 42-62.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. O campo da Educação do Campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. de (Org.). **Por uma Educação do Campo**. 1ed. Brasília: NEAD, 2004, v. 5, p. 53-89.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 48 reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

STRECK, D. R.; ADAMS, T. Lugares da Participação e Formação da Cidadania. **Civitas: Revista de Ciências Sociais** (Impresso), v. 6, n.1, p. 95-117, 2006.